

# Crônicas, memórias e joelhos ralados



**Diálogos**

Emiliana Faria Rosa

Emiliana Faria Rosa

CRÔNICAS, MEMÓRIAS E  
JOELHOS RALADOS



**Diálogos**

TUTÓIA-MA, 2022

## **EDITOR-CHEFE**

Geison Araujo Silva

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)

Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)

Diógenes Cândido de Lima (UESB)

Jailson Almeida Conceição (UESPI)

José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)

Joseane dos Santos do Espirito Santo (UFAL)

Julio Neves Pereira (UFBA)

Juscelino Nascimento (UFPI)

Lauro Gomes (UPF)

Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI)

Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)

Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB)

Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)

Meire Oliveira Silva (UNIOESTE)

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

Rosangela Nunes de Lima (IFAL)

Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)

Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)

Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Copyright © Editora Diálogos - Alguns direitos reservados  
Copyrights do texto © 2022 Autora



Esta obra está licenciado com uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta obra pode ser baixada, compartilhada e reproduzida desde que sejam atribuídos os devidos créditos de autoria. É proibida qualquer modificação ou distribuição com fins comerciais. O conteúdo do livro é de total responsabilidade da autora

Capa: Emiliana Faria Rosa  
Diagramação: Beatriz Maciel  
Revisão: Autora

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

---

R788c

Rosa, Emiliana Faria. Crônicas, memórias e joelhos ralados [livro eletrônico] / Emiliana Faria Rosa. – Tutóia, MA: Diálogos, 2022. 49 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web


ISBN 978-65-89932-44-4

1. Literatura brasileira – Crônicas. I. Título.

CDD B869.3

---

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

 <https://www.doi.org/10.52788/9786589932444>

  
**Diálogos**

**Editora Diálogos**  
contato@editoradialogos.com  
www.editoradialogos.com

## Sobre a autora

**Emiliana Faria Rosa** é professora universitária, pesquisadora e escritora. Surda, apaixonada por escrever, café, viajar e observar, Emi cresceu rodeada de livros, lápis e sonhos. Graduada, pós-graduada e com um pós-doutorado na mochila, voltou às raízes literárias, decidida a escrever livremente. Seu primeiro livro, de poesias, *Borboletas Poéticas*, foi publicado em 2017. Agora, em 2022, explorando o lado de contadora de histórias, surge o *Crônicas, memórias e joelhos ralados*.

# Sumário

Prefácio .....	9
A quem nos lê.....	10
Ano Novo.....	12
Ansiedade.....	14
Autocuidado .....	15
Bloco de papel .....	16
Castelos .....	17
Costurar corpos textuais.....	18
Clarice.....	19
Currículo .....	20
Da cintura pra cima .....	21
Dia de São Nunca .....	22
Escrever.....	23
Joelhos.....	24
Liberdade .....	25
Literatura .....	26
Lobos .....	28
Mudança .....	29

Nunca passei um mês sem chorar.....	31
O amor que a academia comeu .....	32
Outra da Joana.....	33
Place des Vosges.....	34
Raízes .....	36
Ralados joelhos ralados.....	37
"Ralouin" .....	38
Rotas .....	39
Sobre um e-book .....	41
Sofá.....	43
Vasos .....	44
Zíper .....	45
Posfácio.....	46

## Prefácio

Em 2017 escrevi um livro de poesias, o *Borboletas Poéticas*. Não virou um best seller, mas é um orgulho para mim. Uma, por ter publicado, duas, por ter tido coragem de publicar. Ainda tenho exemplares não vendidos guardados no baú da cama. Se alguém quiser, é só dizer. Agora surge o *Crônicas, memórias e joelhos ralados*. Um livro, obviamente, de crônicas, mas, precisamente, mini crônicas; uma coletânea de pequenos acontecimentos do cotidiano que eu coloquei no papel.

Deixei as poesias de lado? Não. Elas continuam pipocando nos blocos de papel, mas o contar das coisas de todo dia surgiram com a finalidade de pôr para fora o que eu sentia nos momentos turbulentos ou mesmo quando era coisa demais para uma cabeça só. Escrever sempre foi uma válvula de escape para mim. Na alegria e na tristeza? Na verdade, na alegria e na confusão mental.

Este livro faz parte da questão do que importa agora, hoje. Deixamos muita coisa de lado para acompanhar as coisas de cada dia. Deixamos de lado coisas por conta de família, trabalho e da própria vida. Escrever me leva para onde eu, talvez, não deveria ter saído: a literatura.

E como já dizia Clarice Lispector: “Não escrevo para agradar ninguém”. Minha única ideia e pretensão é me agradar. Egoísmo? Não, mas sim, a importância de demonstrar que antes de tudo, antes de ser professora, pesquisadora, etc e tal, eu escrevo.



## A quem nos lê

Apresentar-se de forma oral/sinalizada é algo que eu não domino. Sabe o momento em que é sua vez de se apresentar? Eu travo. Mal consigo falar/sinalizar meu nome e o que faço da vida. Fora que as pessoas do meio acadêmico dificilmente vão chegar se apresentando assim: eu gosto de boloquentinho com café. Não é uma apresentação que se espere neste meio. A maioria se apresenta quase desdobrando um rosário curricular.

Vou me apresentar. Meu nome é Emiliana, surda, casada, carioca no RG, mas gaúcha de alma, já tive vários *déjà vu* que comprovam isso. Me saio melhor escrevendo do que falando, sou apaixonada por Paris, viagens, cozinhar, escrever e poesias. Tenho duas gatas. Gosto de céu azul, cháquentinho em dias frios e do cheiro de livros novos. Não gosto de coentro, atrasos e cafés ruins. Ah! Eu gosto de viajar de mochila, é mais fácil sair correndo para não perder conexões. Gosto de caminhar descobrindo lugares. Adoro sentar em cafeterias e escrever enquanto olho as pessoas e a vida acontecer. Sou quieta, com a mente agitada demais. Tenho ansiedade. Para manter a sanidade mental, faço terapia há muitos anos.

Já me confundiram em Portugal, me pediram informações achando que eu era local. Foi divertido. Já ajudei gente em viagens, já me perdi e me achei em ruas pelo mundo. Já segurei o ar ao sobrevoar a Cordilheira dos Andes, já chorei ao ver a Torre Eiffel pela primeira vez, e na segunda, terceira e quarta também. Já tive um *déjà vu* em Paris e Coimbra. Foi surreal. Já declamei versos de Neruda na casa dele em Santiago e Valparaíso. Assim como em Portugal e a cabeça lembrando de poemas de Florbela, Camões e Pessoa.

Quebrei o pé em julho de 2019 e isso foi algo que me fez pensar, não só na dor que eu sentia, mas em tudo o que eu estava vivendo. Quebrar o pé foi algo que me fez quebrar a cabeça, juntar as peças e ver meu modo de

vida e o que eu tinha deixado de ser. Apesar de amar a sala de aula, sei perfeitamente que a vida acadêmica é pesada. Eu precisei abrir a janela e ver a vida fora de tudo isso e voltar a cuidar da minha essência. Voltar a escrever foi uma das coisas que mais tenho feito. E você, como se apresentaria?

## Ano Novo

Crescemos com a ideia de que, na virada do ano, tudo se renova. Crescemos com a fantasia de que uma nova data, um novo número, fará a mágica de apagar tudo, ou quase, e teremos tudo novo, de novo. Crescemos com rituais familiares, rituais que vemos avós, mães, tias, fazerem no último dia do ano. Eu realmente nunca reparei se o lado masculino da família tinha algum ritual de ano novo. Tudo era feito pelas mulheres, elas falavam, nós fazíamos.

De que rituais falamos? Comida, bebida, incensos, velas, músicas, roupas... tudo para atrair coisas boas. Ontem e hoje tenho pensado sobre um ritual específico: o ato de limpar a casa no dia 31 de dezembro para purificar, tirar o velho, abrir caminhos. Ano após ano, eu limpava a casa de minha mãe e, anos depois, a minha; mantendo a tradição.

Ontem eu me perguntei o motivo disso. Por que limpar a casa dia 31 e não dia 1º de janeiro? Abrindo o ano, depois que o velho tenha passado? Eu procurava uma lógica. Não seria mais objetivo limpar dia primeiro, quando tudo é novo, fresquinho? Limpar no dia 31, ainda tendo o ir e vir, o cozinhar, o caminhar pela casa... teremos logo logo a casa suja de novo, depois da ceia, dos fogos, dos copos sujos de espumante. E nem passou uma hora do ano novo. Daqui a pouco, ao acordar, será a segunda limpeza em menos de vinte e quatro horas. Seria, então, o caso de criar um novo ritual, organizando a casa dia 31 e deixando a faxina propriamente dita para o dia primeiro de janeiro. Assim, o lixo posto fora se juntaria à sensação de ter jogado fora tudo o que não queremos mais do ano passado.

Pronto, caso resolvido. Afinal, não é meu intuito discutir o certo ou errado, ou os rituais de cada um. Todos temos algum para o dia ou na hora da virada; não precisa ser algo grande ou porque todo mundo faz. Talvez seu ritual seja passar a virada dormindo ou olhando o céu à meia-noite em silêncio.

Pensando bem, o que vale mesmo é o que você limpa, organiza, pratica entre os 31 de dezembro e não somente entre 31 de dezembro e 1º de janeiro. Por isso, vou honrar esse ritual familiar, transformando-o como disse. Porém, atenderei à voz na minha cabeça dizendo que eu preciso limpar a casa hoje. Longe de mim discutir com as bruxas da família. Vou ali pegar a vassoura. Feliz ano novo.

# Ansiedade

Um suor frio, uma agitação interna, falta de ar, não, não estou falando de paixão, estou falando de ansiedade. Descobri faz poucos anos que sempre fui uma pessoa, clinicamente, ansiosa. Faz uns anos que me trato. Depois de muito pensar compreendi que muitas coisas que eu tinha feito/vivido eram ansiedade e nunca soube.

O crachá de papel mordido e mastigado lá no prezinho? Ansiedade. Não dormir direito em vésperas de coisas importantes? Ansiedade. O não conseguir responder alguém? Ansiedade. Fazer a prova inteira, apagar tudo e fazer de novo achando que estava tudo errado? Ansiedade. O suor frio, a dor de barriga, as ânsias de vômito em momentos tensos? Ansiedade. Haja terapia hoje em dia para lidar com tudo isso.

Lembro de coisas, hoje cômicas, como, por exemplo, eu, pronta pra apresentar a tese, enjoadíssima de ansiedade, rezando para não passar mal bem na hora da banca. Palestras? Eu, mesmo conhecendo profundamente o tema, esquecia o sinal no momento em que eu sinalizava. No dia do meu casamento, a ansiedade me fez esquecer os votos, ditos segundos antes, eu comecei a rir de nervoso. O bom é que o noivo riu junto.

Assim a gente caminha, lidando com a ansiedade, fugindo de gatilhos. Embora muita gente não compreenda bem, continuamos a dizer que ansiedade não é bobagem, é algo clínico que precisa de tratamento e cuidado. E se tivermos frio na barriga, que seja de felicidade e não de ansiedade. Parei aqui para pensar e conclui: que bom que não uso mais crachá.

# Autocuidado

Na tentativa e estratégia para a melhora na depressão, a psicóloga me pediu para listar autocuidados. Parei para pensar: o que é autocuidado? E percebi, naquele instante, que não sabia. Peguei um papel e comecei a escrever coisas que são ‘cuidados’, mas ao mesmo tempo pensei: preciso disso? Me autocuidar seriam coisas meio ‘obrigatórias’ na sociedade, como cortar o cabelo ou pintar unhas? Eu estava realmente com um cabelo muito comprido, mas...

Comecei a pensar no que era autocuidado. Depois de ler sobre o assunto, decidi. Decidi que autocuidado é o que me faz sorrir ou sentir paz. Autocuidar é me sentir bem por dentro e, quem sabe, por fora. Autocuidar é cuidar de mim. E cuidar de si mesmo é mais do que uma lista de coisas que a gente faz para modificar ou cuidar do lado de fora da gente. Autocuidado é cuidar de um lado que pouquíssimo vêem. Dificilmente mostramos o lado de dentro da gente.

A própria terapia que eu fazia, a meditação, tomar uma xícara de café ou chá quentinho olhando pela janela, tudo isso fazia parte de um cuidado. Um conjunto de ações que me deixavam/deixam bem e eu gostava/gosto de fazer. Foi assim que eu, pouco a pouco, fui descobrindo sobre autocuidado.

E eu cortei o cabelo. Foi um parto. Coisa que nunca aconteceu. Eu sempre gostei de cortar, não me reconheci, não me vi no espelho. Quem era aquela que quase chorava ao deixar cortar os cabelos? Não sei. Não era eu. Ou era uma parte de mim, desconhecida.

# Bloco de papel

Queria ter um bloco aqui. Uma das coisas que mais gosto é sentar num lugar, com um café, papel e caneta. Além de algo muito prazeroso, sinto ser uma baita terapia. O engraçado é que sentei agora pra um café e a menina do lado ali está muito emilianesca. Como assim? Ela está da mesma forma que eu. Uma xícara de café, escrevendo em um caderno e celular na mão. A diferença é que neste momento escrevo no bloco de notas do celular, já que meu caderno ficou no hotel. É o que temos para o momento.

Essas pequenas saídas de ir a uma cafeteria ficaram cada vez mais raras com a pandemia e o isolamento. Sinto muita falta disso. Essas pequenas saídas sempre foram mais do que tomar um café na rua. Era um momento de pôr a cabeça no lugar depois de um dia agitado ou de uma semana confusa. Poderia ser um chá, um café, um expresso, não importa, o que importava era o ato, o momento, o estar presente ali.

Era, e é, um estado de presença onde eu me encontrava. E encontrava algo que ficou perdido, como pensamentos, atitudes. Valia também só pra refugiar num canto quando precisava de solitude. O ato de tomar café e escrever me faz tão bem que recomendo para as pessoas. Aos poucos estou voltando a fazer isso: sentar, tomar um café, sacar o caderno da bolsa e escrever.

Engraçado que em casa isso não é a mesma coisa. Alguém entende? Sim, eu entendo. É tudo uma questão de regras preestabelecidas entre eu e meu cérebro. Voltando para o agora, é bom perceber que eu não sou a única a gostar desse combo. Por isso, da próxima vez que você sentar pra tomar um café por aí, experimente escrever. Quem sabe você crie uma nova rotina feliz. Ao menos pra mim é.

# Castelos

Sempre fazemos castelos de areia... Mesmo não estando na praia. Sonhamos, planejamos, inventamos a vida e o que nos aparece... Mas na realidade esses sonhos todos são somente castelos na areia... Alguns, as ondas levam, outros ainda duram por algum tempo... A areia pode aguentar uma ou outra ventania, mas não é culpa dela os castelos ruírem, nem nossa. Na verdade não há culpa, há sim um conjunto de fatores que nos fazem construir o castelo ou fazer derrubá-lo. Assim é a vida, mutável, polivalente.

Não, não me arrependo de construir castelos, ao contrário, permito-me construí-los e, em algumas vezes, habitá-los. Deixo-os ser parte de minha vida para que eu possa reconhecê-los e aprender com eles... Construo um castelo a cada dia, dependendo da situação. E eu mesma, às vezes, o destruo com a força da mão, do pensamento ou do coração. O castelo é meu e eu posso erguê-lo ou derrubá-lo, basta querer.

Construí mais um castelo de areia... Observei-o atentamente e sei que ele ruirá... A onda bate nos meus pés... O vento balança meu cabelo... Sacudo as mãos com a mesma areia que usei para construir o castelo... Penso... Admiro minha criação...

Destruo o castelo? Não. Pego minhas sandálias, ergo a cabeça e caminho... Sorrio ao mar e ao vento... Eles conhecem minha vida e sabem a exata hora de derrubar mais um castelo que criei... A onda bate levemente em meus pés... Sorrio e deixo o vento me guiar...



## Costurar corpos textuais

Umberto Eco tem uma frase bem perspicaz: “a tese é como um porco, tudo se aproveita”. Maior sinceridade que isto, não há. Uma verdade verdadeiríssima. Quem nunca usou fragmentos, recortes, frases largadas no papel, para preencher um texto? Nem precisa ser uma tese.

Eu, quando vejo um texto fragmentado, digo que o texto precisa de costura. Linha e agulha passam a ser, metaforicamente, conexões textuais e argumentos. Frases perdidas que pedem para dar as mãos aos parágrafos. Poético, não? A costura textual é, antes de mais nada, o artefato do escritor para fazer o fluir do texto. Um texto não se faz de frases aleatórias soltas pelo papel. Um texto evolui ao ser costurado, palavra a palavra. Uma costura bem feita leva a um texto bem escrito e de fácil leitura.

Não basta escrever, é preciso saber qual linha e qual ponto dar no texto. Cuide dos pontos sem nó; eles fazem a costura abrir ao primeiro argumento mal estruturado. Tenha às mãos um dedal, para proteger os dedos, já que, provavelmente, você encontrará alguma frase meio dura, fazendo a agulha saltar e te ferir; e nada pior do que tecido manchado, nem Vanish salva.

# Clarice

Existem muitos oráculos. Existem muitas leituras para a alma. Existe Clarice Lispector. Clarice e seus textos possuem o poder de serem mais que algo para ler. Funcionam até como oráculos, como algo para, exatamente, aquele momento em que nada se encaixa. Ou tudo. Vou explicar.

Anos atrás eu, sentada no terraço de um hostel, vendo o nascer do sol nas Cordilheiras dos Andes, em Santiago do Chile, abri o livro de Clarice, justamente a parte em que ela fala sobre Neruda. Que momento! Assim como quando um dia eu estava em uma aeroporto esperando voo, inquieta e chateada por conta de acontecimentos. Eu andava de um lado para outro, até ver uma livraria. Topei instantaneamente com “Água Viva”, abri o livro a esmo e meus olhos foram instantaneamente para o trecho: “Estou a salvo? enxugo a testa molhada. Ergo-me devagar tento dar os primeiros passos de uma convalescença fraca. Estou conseguindo me equilibrar.”<sup>1</sup>

Segurei o choro, comprei o livro e sentei para devorar as palavras que me acalentavam a alma. Acho que Água Viva foi o primeiro livro de Clarice que comprei. Ainda faço isso, de quando em quando abro um livro dela e escolho aleatoriamente uma página. Funciona.

Um fato sobre Clarice que sempre me deixou pensativa é que ela não fazia revisão de seus textos. Escrevia, mandava ao editor e publicava. Revisões em sua obra foram feitas, pelo que sei, por editores posteriormente. Além de toda a maravilhosa obra por ela escrita, essa questão da não revisão me deixa, ao mesmo tempo, intrigada e maravilhada, pela liberdade a que ela se concedia. Pela liberdade de escrever, imaginar, sonhar, criar. Liberdade de ser e de possibilitar a existência de textos que nos salvam, nos empurram pra frente e nos pegam no colo.

---

<sup>1</sup> Lispector, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 19.

# Currículo

Se você é professor, pesquisador ou trabalha no meio acadêmico sabe o que é o Lattes. Não, não é uma língua canina. Lattes é um currículo maior que o curriculum vitae e menor que a tua vontade de preencher um site com tanta burocracia. Sim, ali você conta o que faz, o que estuda, o que pesquisa, mas isso tudo preenchido burocraticamente em detalhes, alguns que você nem sabe se um dia vai usar.

O Lattes é uma ferramenta de tortura medieval acadêmica. Não basta você mostrar três quilos de papelada que provam o que você faz, tem de pôr tudo isso no Lattes. E levar os três quilos de comprovante junto, caso seja pedido. Uma coisa não descarta a outra. Dá para imaginar a quantidade de papel que o professor guarda para caso de necessidade burocrática.

Sei que para algumas pessoas, caixas de comprovantes são acompanhadas de mofo, poeira e enfeitados de naftalina. Abrir uma pasta de comprovantes assim faz de ti praticamente um arqueólogo. Indiana Jones seria um bom membro de banca de concurso. Para completar, não basta ter Lattes, a moda atual pede Orcid, o primo mais novo e descolado. É a mesma coisa, numa versão mais enxuta. O primo descolado tem um fator positivo: enquanto o primo mais velho cai mensalmente ao primeiro sopro, o Orcid não tomba tão fácil, creio eu, mas, convenhamos, não seria mais prático tudo junto numa coisa só? E sem poeira, por favor!

## Da cintura pra cima

No começo das aulas remotas, eu me vestia como se fosse sair, passava batom e esperava para começar a aula síncrona. Hoje em dia, eu coloco uma blusa limpa, prendo os cabelos e espero para ver o que acontece. Não perdi a vaidade, senão nem penteava os cabelos antes de abrir a câmera. Devo ter perdido o ânimo mesmo. Vai me dizer que você, professor, se manteve empolgadíssimo durante todo esse tempo de ensino remoto? Atire a primeira meia quem nunca esteve de pijama da cintura pra baixo em uma reunião, aula ou qualquer coisa online onde só aparecia da cintura pra cima.

Facilidade de estar em casa, confortavelmente, de pijama ou mesmo aquela roupa velha com buracos e quase sem cor. Sentamos despreziosamente em frente ao computador e começamos o online que for necessário. Já vi gente que parecia estar de roupão, não julgo.

Acho que o único risco é a volta à realidade. Acredito que não sairemos de pijamas na rua. Comecei a olhar para baixo antes de sair. Vá que um dia eu me arrume para ir ao mercado e, chegando lá, perceba que estou com a calça de dormir. É melhor prevenir.

## Dia de São Nunca

Garanto que já viram a expressão “no dia de São Nunca”. A arte de ser gaiato é algo muito comum para algumas pessoas. “No dia de São Nunca vamos”, “Te pago no dia de São Nunca”, frases prontas no vocabulário das pessoas de qualquer lugar. E quem seria São Nunca? Imagino que seria um senhor já com idade avançada com uma bengalinha na mão se apoiando e uma sacola jogada por cima do ombro. ‘Seu’ Nunca carrega coisas que nunca saíram da tal sacola e viraram realidade. A cada vez que alguém diz “no dia de São Nunca te pago”, uma cópia do boleto vai para a sacola do ‘Seu’ Nunca. O velhinho passa a ser um papai noel da prestação de contas.

Quando chega o dia de São Nunca? Levando em consideração que o dia primeiro de novembro é o dia de Todos os Santos, ‘Seu’ Nunca deve estar neste combo que deve incluir São Longuinho ou aqueles santos inventados e de valor enorme como Nossa Senhora da Bicicletinha. Cada um se agarra em quem confia, oras!

‘Seu’ Nunca deveria ter um dia só para ele. O coitado já deve estar cansado de perambular por aí todo dia, tentando pôr ordem nas coisas. Outro dia, garanto que vi um velhinho sentado num bar tomando nota de quem tinha dito seu nome enquanto tomava uma cerveja. Se fizessem uma pesquisa, São Nunca apareceria tão popular quanto papai noel e sem nem precisar computar a taxa de 2% para mais ou para menos do Ibope. Um salve a São Nunca, padroeiro das causas hipotéticas, e, provavelmente, parente não muito distante de alguém que criou a frase “na volta a gente compra”.

# Escrever

No fundo a gente escreve não para o outro, mas para nós mesmos. Ou não? Ou nem sempre? E quando somos forçados a escrever na escola, na faculdade, na pós? Separamos facilmente o que nos dá prazer em escrever e o que é obrigação. Essa crônica? Prazer puro. Um dos capítulos da tese? Prefiro não opinar. O que te dá prazer em escrever?

Conheço gente que tem prazer em fazer listas. De tudo. Sobre tudo. Conheço gente que de tanto fazer lista, fez lista da lista. Soube que ela desistiu das listas. Se colocou na lista das prioridades e foi viver.

Conheço gente que a cada escrita é um parto. Demora meses, nasce com cara de joelho e depois de um tempo, sorri lindamente um texto de ótima leitura. Conheço gente que detesta escrever, mas tem milhares de ideias na cabeça e as distribui a quem quiser.

Conheço gente que tem inúmeras coisas escritas, mas não publica. Não julgo, entendo muito bem o que é essa vontade de escrever para não publicar. Nem todo mundo tem vontade ou coragem de pôr a cara ao sol literário. Conheço gente que escreve e publica pelas redes sociais. Se antes o publicar se referiria a livros impressos, hoje publicar é se mostrar, seja lá onde for.

Conheço gente que escreve muito bem, mas acha que não. Gente que deixa a imaginação e a escrita fluir e acredita que o texto está ruim. Há pessoas e pessoas, há escritores e escritores. Eu? Já tive meus medos e negações. Já escrevi por obrigação e por prazer. Já escrevi e joguei fora. Já pus a cara no sol também. Hoje o que me deixa feliz é afirmar que eu escrevo. Sobre o que? Sobre tudo, sobre nada, sobre mim, sobre o mundo, mantendo essa doida vontade de escrever por prazer.

# Joelhos

Esta crônica é dedicada a uma amiga querida que vivenciava a teoria dos joelhos, mas nunca dava nome aos bois, ou seja, não sabia que a situação era digna de teoria.

Prepare-se para conhecer a teoria dos joelhos. Você já percebeu como ficam os joelhos quando a gente senta perto de quem a gente gosta? De quem tenhamos interesse? Os joelhos falam, sinalizam, faíscam. Há um imã não (a) notado em joelhos interessados. Basta sentar perto da pessoa para sentir um calor na região dos joelhos.

Quando menos se espera, os joelhos parecem que se aproximam, sem a gente sentir, sem segundas intenções. Joelhos que se comunicam. Eles se esbarram. Os joelhos se colam antes mesmo do coração aceitar. Os joelhos dobram o orgulho e o colocam por terra. Nós, educadamente, mexemos as pernas, afastamos os joelhos, não adianta; passam-se uns minutos e lá estão próximos de novo. Até que no meio da conversa, das risadas, dos ruídos dos copos na mesa, dos talheres, os joelhos se colam. Mágica. Faíscas.

Uma troca de energia, onde nem se precisar olhar. Joelhos colados falam tanto quanto olhares. E o calorzinho que dá quando, na reciprocidade, os joelhos ficam ali, lado a lado. Junto a um sorriso cúmplice entre os donos dos joelhos.

Admita, querido leitor, que você se pegou pensando se isso já não aconteceu com você. Acredito que sim. Só que no calor do momento, a situação passou despercebida. Ou não. Sugiro, na próxima saída com o crush, prestar atenção na teoria dos joelhos. É tiro e queda.

# Liberdade

Deixei as autoras tão livres que não sabem para onde voar. Mas não era esse o xis da questão? A liberdade de escrever o que sempre quis? Vivemos tão presas às regras que a liberdade nos confunde. Será que algumas pessoas escrevem mais fácil se obrigadas a uma fórmula padrão? Será que a academia nos aprisiona tanto que nos rouba as asas?

Estamos tão exaustas de tanto o que apanhamos, metaforicamente, nesse meio que deixamos de produzir o que gostamos? Por medo, por cansaço, por necessidade de seguir o que mandam? Pela luta de manter o espaço conquistado a duras penas?

Liberdade de ser o que somos, escrever o que temos na cabeça. Liberdade de criar ou não algo. Já tem tanto do mesmo. Quantos artigos sobre a mesma coisa, mesmo tema, mesmas citações? Dezenas. Há revistas e revistas científicas todas iguais, às vezes até os mesmos autores. E pra quê? Só pelo publicar? Para ter mais um capítulo no currículo? Para pontuar academicamente o que precisamos?

Da vontade de perguntar: mas você não acabou de publicar sobre isso? Por que não escrever sobre outro tema que goste? Dei-nos o espaço, a gente decide se o escrever prende ou liberta. O texto é nosso, o lápis também. Liberdade ainda que tarde. Antes tarde do que nunca.



# Literatura

Hoje me perguntaram sobre literatura. Engraçado que é raro conversarem comigo sobre minha formação inicial. Eu, além de ser uma devoradora de livros e escritas, sou formada em literatura. Já lecionei isso. Eu adorava. Criava várias formas de atrair os alunos para gostar da literatura. As interpretações das leituras de livros que eu propunha nada tinha a ver com as formas batidas de sempre. Eu fazia saraus com poesias de autores brasileiros e dos próprios alunos. Eles adoravam. Criei, na intenção dos alunos lerem os clássicos, o julgamento da Capitu. De toga de TNT, fui para a sala de aula naquele dia. Memorável! Inesquecível. Eu era juíza, só controlava a turma. Altos debates, testemunhas, jurados, os alunos se dividiram em personagens. Eram duas turmas, uma absolveu Capitu, a outra condenou. Certo ou errado? Não há. O prazer de fazer, de estar, de participar foi maior. Envolveu até os alunos ‘do contra’.

E onde entra a literatura? Em tudo. Desde o ato de ler o livro, ao ato de compreendê-lo (ou não), analisá-lo, absorvê-lo a fim de ter ideias para organizar o que precisa. A literatura é uma arte, a arte literária. Um conjunto de fazeres estético, poéticos, visíveis. Literatura para mim é a vida em movimento. Seja ela oral, escrita, em sinais. Literatura é algo que existe por si só depois de feita, escrita, dita; por isso, para se tornar viva, precisa do leitor. Leitor das palavras, “nas estrelinhas”, nas entrelinhas; leitor dos sinais e expressões. Leitor de coisas contadas e guardadas no tempo.

A literatura é a arte do encontro. De se encontrar, de me encontrar, seja no texto em si quanto no pensar em tudo o que li. A literatura deve ser vista como um ponto de encontro do fazer humano e do pensar. Somos sujeitos literários, temos muitas histórias para contar. Não? Tenho certeza que sim. Os antigos filósofos e pesquisadores já diziam que a literatura é a imitação ou representação da realidade. Sendo assim, todos nós vivemos

algo, vimos algo, pensamos algo que daria uma baita história. Só basta querer contar. Bora?

# Lobos

Já adianto que esta crônica é uma metáfora, uma analogia, ou mesmo uma crônica camuflada. A floresta não é literalmente floresta, claro. Conhece o ditado, lobo em pele de cordeiro? É quando uma pessoa se disfarça, se passa por alguém que não é. Muitas vezes tentando conseguir algo em seu benefício. Em fábulas é muito comum um personagem se disfarçar. Na vida real também. Provavelmente você já se deparou com lobos ao seu redor e nem se deu conta. Ou percebeu e fingiu que não. Vimos olhos bem grandes na ‘vovó’, mas preferimos não perguntar o porquê. Cada um salva a própria pele como pode.

Os lobos adoram carne fresca. Ainda lembro bem quando uma pessoa me disse para tomar cuidado com lobos. A gente não entende bem na hora, com o tempo vemos onde realmente estamos. A floresta é escura. Pouca luz, muitas árvores. Muitos bichos, plantas, lobos e outros seres mais amigáveis.

Andar sozinho pela floresta é perigoso, mas mesmo em um coletivo em que você se ache seguro, você precisa ter olhos nas costas. Não estaremos nunca seguros totalmente nesta floresta. Haverá sim dias de sol, calor, esperança. Haverá também vento frio, penetrante e lugares por onde os lobos espreitam.

Chegar ao final da floresta é demorado, mas possível. Ficarás mais sábio e alerta quando conseguires sair dela. Caso tenhas levado alguma mordida, lobo serás. Às vezes, é melhor ser como o terceiro porquinho e construir um forte de tijolos com um caldeirão na lareira. Assopre e, se algum lobo ousar te importunar pulando pela lareira, no mínimo terás um belo ensopado.

# Mudança

Já me mudei tantas vezes que deveria estar acostumada com a solidão, com o chão amplo no vazio de uma sala nua, sem móveis, sem lembranças vividas, sem nada. Já deveria ter acostumado com adeuses, com suspiros, com finais. Com a vida em caixas, embaladas com cuidado, pedaços do que se vive, do que se leva ou aquelas sacolas num canto a serem doadas.

Cada doação é um pouco de desapego e de esquecimento. De um não querer levar, de uma tentativa de recomeçar, do novo de novo e de novo e quantas vezes forem necessárias. Mudar é mudar não só de lugar, mas mudar a si mesmo, se readaptar aonde se vai. Rever e viver o que não se espera, o que se sonha, o que se pode ter ou não.

Já me despedi tanto de lugares e pessoas, já sequei tantas lágrimas e dei tantos sorrisos que nem sei mais quantos foram. Às vezes é um adeus com gosto de até breve, às vezes é um adeus com dor do nunca mais. Às vezes nem há o adeus, fica somente na promessa que nunca cumpre, fica uma dívida, dolorida que só o tempo dilui. Estranho como uma casa vazia me deixa perdida nos ecos do meu próprio pensamento. O que antes era certo e movimento, agora é o encerramento.

Cada mudança só deixa a certeza de olhar em cada cômodo se nada foi esquecido. Mesmo olhando várias vezes, você sabe que ali sempre permanecerá uma lembrança, um olhar. Permanecerá parte de você, do que você foi, do que se leva, permanecerá a vida, tão certo quando a última volta da chave na fechadura.

E aqui, sentada entre as malas e caixas, acho divertido o fato de que a vida, física, possa ser embalada em plástico-bolha. Para que se protegem tanto as coisas? Por ser algo querido? Pela não necessidade de comprar tudo de novo? Será que aquela caixa comporta uma vida ou uma vida cabe numa caixa? Será que eu caibo numa caixa? Minhas lembranças cabem

numa caixa? Minhas vivências, experiências cabem naquela mala vermelha que já transborda de objetos?

Não. Não cabe. Não haveria caixa ou mala suficiente para transportar tudo o que se vive, cada pedacinho do tempo. A vida por si só já se transporta, querendo ou não. Podemos nos desapegar de um tapete, de um copo, de roupas, mas não conseguimos, não completamente, desapegar do que vivemos. Mesmo esquecendo, um dia lembramos.

## Nunca passei um mês sem chorar

Segundo meu marido, se eu ganhasse um real por cada lágrima derramada, eu estaria chorando em Paris. Dramática, eu? Não. Chorona, talvez. Emotiva? Quase sempre. A questão é que eu choro muito fácil. Nasci com a torneirinha do choro aberta. Fechá-la é deveras complicado.

Porém, meu marido está errado. Passei sim um mês sem chorar. No auge da minha crise de depressão, o remédio que eu tomava secou todas as minhas lágrimas. Nem uma gotinha caiu. O moço ali acompanhou tudo isso, só não lembra. Conforme fui melhorando, e a dosagem, baixando, as lágrimas voltaram.

Não se esqueçam de que chorar faz bem. Lava a alma. Lava por dentro, lubrifica os olhos, expele sensações. “Quem não chora, não mama”, já dizia o ditado. Quem não chora, não se liberta do bloco de sentimentos presos e embolados na garganta.

Lágrimas são bem-vindas, menos as de crocodilo. Choremos. Manifeste-se aquaticamente pelos olhos. O que não cabe em mim, eu transbordo. Muitas vezes em lágrimas. O difícil é quando borra a maquiagem. Daí não sei se continuo a chorar ou começo a rir do panda feito de rímel e lágrimas que está me olhando no espelho, quisera eu, em Paris.

## O amor que a academia comeu

Um personagem fictício, mas tão real, Joana, entra na academia com a ideia de que pesquisaria o tema que seu coração desejava. Não a academia para músculos, mas a outra, para cérebros. O amor de Joana pelo tema caiu por terra. Por quê? O meio acadêmico é um local onde há uma guerra constante entre o escrever e o querer. Entre o ter e o exigir. Entre o poder e a regra. Uma pesquisa é o mesmo que estar no deserto e querer água, a maioria das visões de oásis são miragens.

Joana, já no meio da pesquisa, coloca as mãos na cabeça e tenta um pedido de socorro. No máximo, o colega do lado estende-lhe um lenço para secar as lágrimas. Orientador? Quem? Joana não vê o seu faz meses. Vazio '(a) normalizado' pelo tanto que acontece. Joana tenta se prender às fagulhas do amor que sentia pelo tema. Restam poucas lembranças felizes no meio dos dados obtidos. Pensando no tempo que falta para terminar, Joana escreve loucamente a dissertação.

O orientador aparece, pega o texto para ler e ceifa metade do texto. Joana, incrédula, ousa indagar o motivo. O orientador diz que faltam dois meses para a qualificação e não responde. O conto de fadas acadêmico espatifou-se e o amor que Joana tinha? O meio acadêmico comeu.

## Outra da Joana

O personagem descrito na crônica acima, Joana, pode ter muitos nomes e muitos rostos. Nos corredores da pós, Joana pode ser sua colega tímida, o guri com risada solta que faz uma cadeira contigo, pode ser até mesmo você. Quantas Joanas já não passaram por você? Quantas já não foram você?

Todo mundo na pós tem uma história pra contar. Somos Joana à espera do orientador que não vem. Somos Joana que perde o amor pelo tema de pesquisa a cada dia. Somos Joana no olho do furacão acadêmico.

Joana que escreve um capítulo inteiro a pedido do orientador que, dia depois do texto pronto, mandará retirar o capítulo dizendo que não precisa mais. Joana que bebe toda noite para escrever e dorme em cima do notebook exausta.

Lembrando que nesta crônica qualquer semelhança é mera coincidência, Joana, personagem fictícia, pode ser tão real quanto a personagem de novela que é igual à vizinha da sua prima que terminou um doutorado há muitos anos e ainda precisa de terapia a cada quinze dias, para sobreviver.



## Place des Vosges

Eu chego em Paris e uma das primeiras coisas que faço é sorrir. Paris tem isso de me deixar assim, leve, risonha. É como andar pelas ruas, já conhecidas ou não, e me sentir em casa. Na primeira, você descobre Paris. Na segunda, você se descobre em Paris.

Você passa a ir, vir, estar, participar de lugares que teus pés te levam. Não há a obrigação de conhecer tudo, ou quase tudo, o que está nos mapas turísticos. Há a possibilidade de se agraciar com uma caminhada a mais, um doce a mais, uma paisagem a mais. Na segunda vez você já entende melhor o metrô. Já se arrisca mais. Ousa mais. Arranha-se mais o francês.

Passei em Le Marais<sup>2</sup> outro dia. Quando olho ao redor lembro de que já estive aqui. Não tinha percebido. Dizem que é o bairro mais ‘antigo’ que lembra a idade média. Pode ser. A casa do escritor Victor Hugo está logo ali. Se fui? Não. Não queria acordá-lo. Ele deve estar dormindo ou tomando seu *petit déjeuner* São só 11 da manhã. Uma madrugada quase. Ironias, *s'il vous plaît*.

Sai fumacinhas da minha respiração. Sai do hotel com dor, perna dormente e alguns casacos. Estou em Paris, ficar no hotel só em último caso. É domingo. A *Place* é bem familiar. Crianças brincam, pais descansam, avôs leem jornais e as mães olham os filhos. Será que pensam no que? No almoço? No que tem a fazer? No nada?

Na praça, domingamente, pessoas correm, comem, fotografam, caminham, escrevem. Além de mim, há uma senhorinha ali sentada, com caderno e caneta na mão. Ops! É um tablet. Mais tecnológica do que eu.

Me disseram que seria muito frio, que teria poucas horas de sol para aproveitar... Para mim está tão normal. O sol aparece de 7 às 19h. Ótimo. Frio? Aguentável, até um calorzinho às vezes. Alguém tira uma foto. De

---

<sup>2</sup> Bairro da cidade de Paris.

mim? Não sei. Estou sentada quieta. Vai ver a pessoa pensa: “uma francesa ali escrevendo numa manhã de domingo.” Vá saber, né? Por fim, um viva aos franceses que num frio de 6 graus estão de bermuda e camisa se exercitando.

## Raízes

Você sabe onde estão ou como estão suas raízes? Não me refiro às cenouras e batatas-doce que estão na sua geladeira, mas sim aos seus pés e onde tendem a se fixar. Suas raízes podem ser mais do que imagina. Você pode ter uma raiz ancestral, astral, terrena. Somos abertos a tantas possibilidades que não ousamos sonhar. Ou ousamos.

Nossos pés, figurativamente, são raízes. Quebrei minha raiz anos atrás, doeu. Metaforicamente fui analisando, o quebrar o pé representava que onde eu pisava já não era mais terra produtiva. Eu precisava de novos caminhos, precisava arar a terra em que eu me plantava. Pé quebrado, terra sem energia, raiz sem significado. O pé só calcificou quando reconheci isso e quando vi qual o caminho deveria seguir.

É preciso lembrar que somos adaptáveis, assim como nossas raízes, transportáveis e mutáveis. Estas podem ser, além de terrestres, aquáticas ou aéreas. É preciso lembrar que não somos sempre, cem por cento, terrenos, fixos. É preciso lembrar que nossas raízes podem ser muito antigas ou muito novas. É preciso lembrar que toda raiz tem uma história.

Já tentou procurar sobre suas raízes? Por onde os pés dos seus antepassados andavam? Haja caminho trilhado, haja história pra contar. Seja dono de suas próprias raízes, vale a pena. Qualquer coisa, acolha-a gentilmente e siga para outro lugar. Sejamos raízes nômades, busquemos nossa nutrição na terra, no céu, no ar, nas pessoas boas, em lugares acolhedores, em nós mesmos.

## Ralados joelhos ralados

Quem nunca ralou os joelhos? Eu ralo até hoje. Ralamos joelhos e, duas opções, ou levantamos e continuamos a correr ou avaliamos os ferimentos e continuamos a andar. Acredito que muitos de nós já tivemos os dois momentos. Quando mais velhos, com os empurrões da vida, estamos tão experientes que só sacudimos a poeira da roupa e levantamos. Deixamos para avaliar o ferimento em casa com uma xícara de chá ou uma taça de vinho. E bem sei que alguns arranhões só curam com umas duas taças.

Alguns se levantam tão rápido que nem parece que caíram. Já viram? Num segundo você vê a pessoa ao chão, no outro ela já está do outro lado da calçada. Feito mola ou não, garanto que ela deveria estar rezando envergonhada para que ninguém tivesse visto. Eu que o dia, já passei por isso, muitas vezes.

Há pouco tempo eu estava com um joelho ralado. Não de uma queda ao chão, mas de um empurrão por conta de experiências por aí. Dói tanto quanto. Sinceramente? No fim a gente acaba como quando éramos pequenos. Caiu? Levanta, sacode a roupa e sai dizendo: nem doeu mesmo.

## "Ralouin"

31 de outubro. Uma data que, em termos açucarados, lembra o dia de São Cosme e São Damião, vulgo Halloween tupiniquim. Enquanto, em tempos atuais, aparentemente o dia de Cosme e Damião foi diminuindo em alguns lugares, o dia das bruxas estrangeiro ganha força a cada ano. Nada contra, temos muitas festas importadas, o Natal, que eu adoro, está aí de exemplo. Embora poucos lembrem do verdadeiro aniversariante de dezembro, se bem que sabe-se de uma tese de que Ele não nasceu em dezembro... mas não vou discutir isso aqui.

Voltando ao dia das bruxas, crianças batendo de porta em porta, doces ou travessuras... quem é você? Aquele que prepara os doces e a casa ou o que se tranca em casa e desliga a campainha? Cada um age de uma forma, não somos obrigados a nada, nem todo mundo curte carnaval, então porque não fugir do 'ralouin'?

Isso tudo me faz lembrar quando eu era criança lá no Rio de Janeiro e pegava doces no dia dos santos ali de cima, as pessoas distribuíam doces nas portas das casas, passavam de carro, nas praças, nas escolas. Não tínhamos fantasias como hoje, deixávamos estas para o carnaval. Não tínhamos baldinhos de abóbora, mas vários saquinhos com a imagem dos santos ou mesmo sacolinhas, recheados de doces. Chegávamos em casa com as mãos cheias, abríamos todos em uma grande vasilha. Rolava até troca de doce entre as irmãs. Comíamos doces por semanas. A dor de barriga era garantida. A diversão também.

Se na distribuição de hoje estiverem dando bananada em forma de triângulo ou doce de abóbora em formato de coração, me avisem que vou lá pegar também. Coisas de infância tão doce quanto suspiros. Entre doces ou travessuras, escolha o mais doce. A infância passa, as lembranças ficam.

## Rotas

Em qual rota da vida você foi parar na rota que hoje está? Uma rota serve para ir, chegar do ponto A ao ponto B, ou mais pontos, dependendo da jornada de cada um. Podemos pegar uma trilha ao lado de um penhasco ou por uma estrada com árvores frondosas. A rota pode ser em linha reta ou algo com muitas voltas. Não importa, o que conta é que ela vai te levar de um lugar a outro.

O que vale é sair do lugar. Caminhar em busca de onde podemos ser quem somos. Percorrer a rota, torta, traçada por nós. Torta sim, não somos perfeitos, somos humanos que mudam de caminho a cada bifurcação que aparece na nossa frente. E, às vezes, infelizmente, não podemos jogar os dados de novo e voltar três casas para refazer o jogo.

Todos os caminhos me levaram a escrever. Escrever, apagar, escrever de novo. Ser um ser que escreve, me traz mudanças de rota. Desviei muito deste caminho, por necessidade, por vontade, por imposições. Mesmo assim, volta e meia, o escrever esbarra comigo. Algo necessário para compreender o papel das histórias contadas, a presença das poesias e o meu papel nisso tudo. É preciso muito mais do que pisar no chão para seguir a rota. É preciso acolher e compreender a si mesmo. É preciso abraçar e acalantar as ideias e seus rumos.

Por exemplo? Hoje ao ler meus trabalhos acadêmicos, percebo a presença da minha alma poética ao longo dos textos. A academia, a universidade, é algo duro, por vezes demais, para aceitar uma escrita poética no lugar da escrita científica. Eu, obviamente, fui podada. Me disseram que eu não deveria escrever daquela forma, que eu estava fazendo papel de boba. É, e sempre foi, muito difícil para mim escrever de forma “seca”. Por necessidade acadêmica, minha escrita tomou outra rota. Outro rumo. Outra forma.

Voltar a escrever com liberdade me traz alegria. Alegria de reconhecer que todas as rotas me tornaram quem sou. Voltar à rota poética precisou de tempo. Tempo para compreender minha alma, meu espaço, meus passos. Tempo de ver e aceitar a possibilidade de me reescrever.

## Sobre um e-book

Quando escrevi o prefácio de um e-book, contei sobre como a ideia de produzir um material surgiu. O que não contei é que foram preciso dois anos para ter coragem de pôr a ideia em prática. É sobre isso que falarei agora: coragem. Como vai sua coragem? O que ela come? Onde e quando ela descansa? Se a coragem fosse uma pessoa que nome teria? Hoje vamos conhecer a Dona Coragem da Emiliana.

Dona Coragem costuma aparecer de braços dados com Dona Ansiedade e o Senhor Frio na barriga. Viajar? É isso mesmo? Dona Coragem aparece de malas prontas e all star no pé. Haverá, provavelmente, altas aventuras, descobertas e risadas. A coragem se faz presente diante do desconhecido. É como dizem que eu só falo inglês lá fora. A necessidade, ou seria a coragem?, me faz comunicativa.

Demorei dez anos para publicar meu livro de poesias. Motivo? Falta-me coragem de me expor. Quando publiquei, senti-me realizada e como se tivesse cumprido algo combinado comigo mesma. Checklist emocional atualizado com sucesso.

Não pense que sou medrosa. Não sou. Ou sou e não sei. Medo momentâneo, quem não tem? Todos. Depende muito da situação ou do espaço-tempo. Não me faltou coragem quando larguei tudo e fui embora estudar em outro (s) estado (s). E isso aconteceu mais de uma vez. Fui, com cara, coragem e algumas malas. E medo. A coragem me deu a mão para a possibilidade e partiu rumo à outra aventura.

Talvez a falta de coragem seja por conta do receio do pensamento do outro. “O que vão achar sobre isso?” Frase tão comum na cabeça de uma pessoa ansiosa. “Será que aceitarão participar?” Foram pensamentos assim que fizeram eu adiar o início do projeto. Até que um dia, depois de muito pensar e ponderar, saudei Dona Coragem e nos lançamos neste caminho.



E você? Já cumprimentou sua coragem hoje? Serviu-lhe um café? Um chá? Mesmo que nós não usemos a coragem todo dia, é preciso acolhê-la e deixá-la pronta em caso de necessidade. Vá saber quando precisaremos dela. Em caso de emergência, quebre o vidro, pegue na mão da Dona Coragem e desbrave o mundo.

## Sofá

Anos atrás, num domingo, saí da casa de um antigo namorado e vim pra minha. Senti-me livre e plena de poder ter a liberdade de ir e vir. De ser dona do meu nariz e, mesmo namorando, poder dizer que iria pra casa ficar comigo mesma. Sem problemas ou brigas.

Tempos depois, do nada, ele rompeu o namoro. Aquele namoro, aparentemente, muito bom, que caminhava tão bem, com as próprias pernas caiu do penhasco. Os cacos? Meus. E o mesmo sofá que sustentava minha liberdade de ser, semanas antes, secou minhas lágrimas durante uma semana e mais uma depois, e outra ainda. Ele ficou meio encharcado, coitado. Alguns dias depois eu poderia sentar sem se molhar ali, estava seco, bem seco. Assim como meus olhos.

Por que conto isso? Simples. Um dia me dei conta que a liberdade brincou com meus cabelos de novo. A mesma sensação de plenitude. De ser quem sou. De ter o que tenho. É engraçado isso. A sensação de ser quem se é. De ousar ser quem se é. E de procurar coisas que nos leve a tudo isso.

Somos todos “alguéns” à procura de “outrens” que nos complete? Não. Que nos transborde? Não. Que nos empurre do penhasco abaixo? Também não. Procuramos alguém que entenda que somos quem somos. Se você não tem coragem de viver, de ousar, de amar, de namorar, não levante a cabeça. Não olhe pros lados, não respire. Porém, se você tiver coragem de ousar amar, seja verdadeiro, seja por inteiro. Porque ser metade de algo esperando outra metade é perda de tempo.

## Vasos

Outro dia, conversando com uma amiga, ela definiu que somos como vasos coloridos que são dispostos pelas pessoas como e onde querem. Se pararmos para pensar, tem toda uma lógica por trás desta metáfora. Vasos podem ser e ter tamanhos, cores, formatos, detalhes variados. Imagine uma grande feira de vasos. Lá estaremos à disposição de quem precisa e quando precisa. Um vaso para ornar o momento.

Mas... porque essa história? A metáfora diz respeito a todos nós: alto, baixo, gordo, magro, homem, mulher, surdo, ouvinte... uma infinidade de categorias “vasais”. Somos caracterizados ou descaracterizados de acordo com o pensamento da sociedade, do outro, de nós mesmos. Somos identificados, rotulados, marcados.

Daí vem uma pessoa, nada conhecedora do universo do vaso surdo azul, por exemplo, e pega o vaso para uso. Fala, disserta, explana sobre o vaso surdo azul. Acabou? Deixa de lado. Ou mesmo só pega o vaso, o coloca em evidência e fim. É um pequeno exemplo de vaso ornamental. As pessoas atualmente se acham aptas a manipular vasos quando convém, quando precisam.

Na maioria das vezes, o vaso lá está, parado, quieto, sonhando com terra e uma semente para germinar. Quer cultivar e não ornar. Uma coisa é acolher o vaso, outra é usá-lo de forma superficial. Não basta compreender as pessoas, ou metaforicamente, os vasos, é preciso compreender a importância da presença e seu objetivo no meio em que habita. É preciso cuidado. É preciso ter habilidade no manuseio. Afinal de contas, vasos também quebram.

# Zíper

Fechar este livro, zipá-lo. Comecei a escrever estas mini crônicas sem muita pretensão de algo. Eu escrevo aleatoriamente, por vontade, por gosto, por ideias que surgem. Confesso que me peguei pensando, ao longo da criação deste livro, se eu estava no caminho certo, mas será que há realmente um caminho certo? Será que a escrita, o fazer literário tem um lado certo e um errado? Duvido muito. Há caminhos e muito chão para andar.

Escrever crônicas é a arte do momento. Crônicas são histórias contadas no agora que podem modificar amanhã. Parece até que falamos da liquidez das coisas, do tempo, da vida, como diz Bauman. Deve ser por isso que dizem que as crônicas possuem vida curta. Sendo assim, o meu hoje são essas pequenas crônicas com assuntos diferentes entre si, formando uma colcha de acontecimentos.

Escrevi algumas crônicas com uma gata no colo, outras sorrindo, outras em profunda reflexão. Nenhuma escrita sai da gente sem um pedacinho de nós, nenhuma leitura é igual a outra. Clichê, eu sei. Inevitável, também. O que fica é a vontade de compartilhar. Isso é escrever. Contar, compartilhar uma história.

E como a gente diz em contação de histórias: quem conta um conto, aumenta um ponto. Portanto, passo aqui a caneta para você, leitor. É sua vez de contar a vida através de seus pensamentos. Qual será o tema de sua próxima crônica? Quanto a mim, acredito que nos veremos em breve. Até a próxima!

# Posfácio

Silvana Aguiar dos Santos<sup>3</sup>

A conexão entre dimensões temporais e espaciais nem sempre é tranquila para os seres, nomeados como humanos, que habitam este planeta. Se soubéssemos lidar com nossas emoções e afetos e permitíssemos fluir, conforme os tempos e as conexões que se cruzam, talvez tivéssemos maior mobilidade subjetiva. O que estou querendo dizer com isso? Já é fato que o afeto é parte da nossa aprendizagem, do nosso ensino e da forma como nos relacionamos no mundo. Até aqui, nada de novidade. Diversas pesquisas, sob diferentes perspectivas, tentaram dialogar com esse fato, sugerindo que os aspectos emocionais e afetivos fossem reconhecidos como parte do nosso dia a dia, do nosso fazer profissional e do nosso fazer de tornar-se gente.

Dito isso, cada ser humano descobriu diferentes formas de se conectar com as dimensões temporais e espaciais. Afinal, há tempos e espaços distintos coerentes com as escolhas de cada um. Alguns escolheram transpor seus modos subjetivos de enunciar o que pensam, sentem e constroem por meio das artes plásticas, outros por meio das artes visuais; outros escolheram as artes textuais, dentre elas, o texto como forma de dialogar com o Eu e os sentires-devires enfrentados pelo seu corpo-afeto. Há tantas formas de demonstrarmos o reconhecimento do afeto como parte desse nosso fazer subjetivo, pessoal e profissional. A sensação que tenho [e sei que não estou só nesse pensar] é que o Ocidente rasga esta conexão com o afeto. Não obstante, muitos de nós tiveram seus joelhos ralados na tenra infância, já sentindo precocemente o quão desafiador pode ser o processo do reconhecimento do afeto em nosso cotidiano.

---

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nesse diálogo, eu resgato os primeiros pontos que desejo destacar nesse posfácio, o qual deixo registrado meu agradecimento pelo convite para fazê-lo. Que pontos são esses? Para ter joelhos ralados, você precisa ter memórias e para contá-las, você deve escolher um formato (alguns diriam gênero textual). Crônicas foi o gênero escolhido pela autora, Emiliana Faria Rosa. O livro intitulado *Crônicas, memórias e joelhos ralados* reúne minicrônicas que dialogam com muitas temáticas, sejam elas pessoais ou profissionais. Nesse percurso, você encontra uma autora generosa e afetuosa que pega seu leitor pela mão e o conduz a diversas conexões temporais e espaciais. Emiliana apresenta um prefácio onde nos contextualiza os motivos de sua escrita e do quanto ela representa tanto para si, confessando inclusive, que não deveria ter saído do campo da Literatura.

Ao longo do percurso da leitura desse presente-livro, fui uma dessas leitoras que a autora pegou pela mão e mostrou o que realmente importa, o que podemos aprender com nossas experiências-memórias e como podemos contar, tornando mais leve o processo. Em diversas passagens me senti traduzida pelo seu modo de escrita e, também, pelas críticas assertivas que tece ao longo do texto. Em outros momentos, destaco o papel do afeto e do modo como construímos conhecimentos e aprendizados nas passagens, nos deslocamentos e, mais especificamente, nas viagens. Existem conexões temporais e espaciais que só podem ser realizadas pelas viagens físicas, corporais e afetivas.

Há intensidade nas crônicas apresentadas que te convidam a conectar-se com suas dimensões esquecidas, adormecidas, intencionalmente amordaçadas. Emiliana não costura somente corpos textuais [em alusão a uma das crônicas narradas], ela costura parte dos seus fragmentos afetivos e dos joelhos ralados que foram deixados ao longo da vida. Eu desejo com sinceridade que você adentre as camadas textuais, afetivas e espaços-temporais que a presente obra te convida. Para finalizar, eu diria que cada crônica é um convite para você se olhar no espelho com mais afeto, mais generosidade, despir-se dos seus medos e permitir-se costurar/curar por meio da escrita.

Com esse livro, eu aprendi que as conexões entre dimensões temporais e espaciais podem ser mais tranquilas, diferentemente, da primeira frase que afirmei nesse texto. Em cada uma das crônicas, a autora não só mostra o papel da memória e de sua potência em nossas vidas, como também, nos explica que os joelhos ralados (e às vezes, até mesmo a teoria dos joelhos) podem ter outras formas de nos mostrar o que realmente importa.

*Já que Emiliana desafiou seu leitor a se apresentar de um outro modo?*

*Uma pisciana que acredita que o afeto é a melhor parte da vida e que deve ser reconhecido na academia, no lattes e principalmente na vida. Uma pisciana que acredita que não pode se dissociar corpo-afeto-conhecimento. E que para isso, tenhamos coragem de assumir com mais generosidade e autocuidado nossos joelhos ralados, tomando como base nossas memórias.*

